

A CRUZ E A ESPADA

POR DEUS, PATRIA E REI

REDACTOR PRINCIPAL—B. J. Senna Freitas, e colaboradores—Pinho Leal—Moreira Bello—D.^o Ozorio Guimarães—Augusto Semblano—Garrido e J. T.

1.^o ANNO

Assignatura:— Por 3 mezes 300 reis, semestre 600 reis, anno 1\$200 reis. Anuncios, linha 40 reis, correspondencias, linha 40 reis. Sendo remetida a folha pelo correio, anno 1\$500 rs., semestre 750 rs.— avulso 40 reis. Toda a correspondencia será dirigida á administração, franca de porte, rua de D. Frei Caetano Brandão N.^o 18, João F. Torres.

NUMERO 30

EXPEDIENTE

Pedimos a todos os nossos amáveis assignantes que ainda estão em divida, o distincto obsequio de mandarem satisfazer o importe de suas assignaturas, relativamente ao 1.^o semestre vencido já no mez de junho ultimo, e os de fóra podem-n'o fazer por meio de vales do correio.

Esperamos que o nosso pedido seja attendido—e pelo correio mandaremos os recibos.

BRAGA

SABBADO 19 DE AGOSTO DE 1882

AO MINHO LEGITIMISTA

Quando estamos assistindo a factos que denotam a aproximação de acontecimentos cujo alcance politico é difficil medir; quando todos os partidos se preparam para entrar em lucta; quando é evidente que se não trata já apenas de uma substituição de homens nos conselhos da corôa, mas de uma metamorphose profunda no regimen politico da nação, é injustificavel, é criminoso que o partido legitimista assista de braços cruzados, como espectador indifferente, ao movimento de reacções, que a situação presente tem de operar nos destinos do paiz.

O Minho, onde se pôde dizer que existe a alma da legitimidade, carece estar sempre no posto mais avançado da linha de combate, e desgraçadamente não é assim. O Minho espera sempre que outros caminhem, e segue a marcha do partido legitimista, como em um prestito pôde ir incorporado um corpo estropeado de veteranos, seguindo, sem ordem nem aprumo, o movimento de uma bandeira que o arrasta, quasi á força, sob o dominio do dever.

No estado actual, o Minho legitimista parece um deposito de invalidos, que traham o seu uniforme, sempre limpo, e sempre rigoroso, e que se acostuma a passear nas planícies, encostado de continuo ás muletas da velhice e da manqueira.

Sejámos francos: o quadro que offerece no Minho o partido legitimista é desolador. Não lucrámos coisa alguma em o esconder aos olhos mesmo dos adversarios, que nos contemplam desdenhosos e nos deploram ufanos.

Felizmente, em nenhuma provincia de Portugal as crenças legitimistas tem sido tão inteiramente mantidas como n'este Minho fiel. Aqui existem como consubstanciadas a religião de Deus e a religião do rei, a religião do Céu e a religião da patria. Em todos os pontos do paiz onde ainda existe a fé legitimista olha-se para o Minho, como para um pharol pôde olhar o viajante deseioso de aproar á terra natal. Olha-se para o Minho e espera-se um signal, e confia-se em uma iniciativa, e deseja-se uma palavra, e nutre-se uma esperança. E o Minho, que vê e sabe isto, faz outro tanto. Espera que a torre de Belem venha pelo caminho de ferro collocar-se ás portas de Braga, e que sobre o palacio das Necessidades fulja a estrela que ha-de guiar os pastores ao presepe do novo Messias.

Na continuação d'este estado de coisas, não sabemos onde poisarão as ancoras da nossa esperança. A propria capital affere sempre a força do partido legitimista pela actividade que suspeita existir na nossa provincia: como é pois que nós queremos medir as forças do nosso partido pela acção da Capital?

Existe uma luz na nossa fé, mas ninguem lhe encontra o foco. Todos creem que elle existe onde elle não está; cada qual aponta para diverso lado, onde outros apontam para os primeiros; e a luz sempre, e o foco nunca!

E contudo nós sabemos que o Minho é a provincia mais legitimista de Portugal, sabemos que em ponto algum existem mais elementos de vida e de capacidade do partido legitimista; e commosco sabe-o a nação inteira, sabe-o toda a Europa. Se nos não conhecessemos bem uns aos outros, isto mesmo nos diria a historia moderna em todos os seus capitulos.

Pois bem: por que razão de melindre ou de conveniencia politica não ha-de o Minho dar ao paiz inteiro o nobre exemplo da iniciativa? Porque razão ha-de o Minho desprezar a honra que lhe cabe, e espera que outrem lh'a usurpe, quando de facto e de direito ella lhe deve pertencer?

Um exemplo eloquente existe ainda de fresco; exemplo que plenamente justifica o pensamento, que aqui temos já defendido e que continuamos a sustentar e defender— a união do partido legitimista e a sua efficaz organização.

O partido catholico existia apenas no coração da patria, garantido pelas profundas crenças da nação religiosa.—Ha muitos annos Lisboa e Porto trabalhavam de balde por organizar este partido pelo meio de associações religiosas, já protegidas pelo sentimento da caridade, já sustentadas pela imprensa orthodoxa, combatendo os erros da época e fulminando com o exemplo salutar as ousadias dos perseguidores da Igreja. Sempre sem resultado, sempre sem

força nem esperança, esses tentamens, por que não começaram por onde deviam começar, isto é, pela uniformidade de pensamento, pela união indissolúvel, activa, entusiastica das potencias productivas do partido.

Braga tomou a iniciativa. Bastou a palavra de um homem corajoso, sinceramente consagrado á causa de Deus, para que na capital do Minho se erguesse o estandarte da união catholica, e para que em todo o paiz os eccos repetissem o som d'aquella voz, prendendo de uma a outra extremidade da patria a grande e robusta cadeia que hoje liga a sociedade catholica portu-gueza.

Lisboa não se offendeu com a iniciativa de Braga. A Santa Sê não acreditou que aquella iniciativa, sem seu previo consento, independente e arrojada, fosse um acto de rebellião, ou um testemunho de irreverencia. A Santa Sê abençoou aquella obra fiel, Lisboa ergueu-se como nunca do seu abatimento moral, para seguir o exemplo da augusta Braga. Nem por que Braga foi a primeira em levantar o grito de união, tomou para si o lugar supremo na direcção do movimento catholico, podendo aliás fazer-o Lisboa, pela sua situação excepcional, uma vez erguida da sua cathalepsia religiosa, assumio a sua posição mais natural, e o partido catholico váe alargando a orbita da sua união e de sua acção, ainda nas provincias menos conhecidas pelo seu zelo religioso. Um dia mais, e deante d'este grande partido não haverá poder algum no paiz, que se não curve respeitoso e humilde. Hoje mesmo, ainda apenas nascido, já as linhas liberaes tremem deante da bandeira que mal se desenrolou; dirijem para ella, com ponteria incerta e pusilanime, todos os golpes das suas armas.—E' que aquelle inimigo, intransigente e firme, está unido, e n'aquella união, sempre crescente, existe uma força, que nenhuma potestade da terra pôde aballar.

Isto que acaba de dar-se com o partido catholico, facilmente pode acontecer com o partido legitimista.—Venha a iniciativa, e o paiz inteiro responderá ao appello do Minho, sem que esse appello possa ser considerado como uma rebeldia. Um acto de lealdade e de virtude não pôde ser confundido com uma imprudente manifestação da impaciencia.

O Minho tem um lugar de honra na frente das hostes legitimistas. O primeiro passo a avançar não pôde partir das linhas da rectaguarda. O grito é a voz do dever, e esta parte da nossa consciencia. Catholicos não marchámos para a brécha á voz do anjo dos combates, escutámos apenas os brados da nossa fé, e os impulsos do nosso dever. Legitimistas não temos necessidade da palavra de generaes, por que coherentes em crenças e em consciencias,

basta-nos o grito da nossa dedicação e lealdade. Para unir não carecemos ver luzir a lamina de uma espada; quanto mais unidos mais prestes ao primeiro mando da auctoridade legitima. Unir! E depois... que nos mande quem nos dever mandar. Unir! E depois... que o nosso exemplo sirva de encorajamento a todos. Unir! E que a nossa união signifique o primeiro passo para a regeneração do partido legitimista e para a restauração da causa da patria! Unir! E que a nossa attitudo seja mais um titulo honroso para o povo do Minho, cuja fidelidade e cujo heroismo são o mais eloquente apanagio d'esta nação tão gloriosa e tão amante dos seus reis e das suas tradições.

RELIGIÃO

NOSSA SENHORA DA BOA MORTE

A nossa existencia sobre a terra não é mais que uma rapida passagem, e a morte é o começo da vida eterna. A nossa alma deve aspirar ao ceu, sua verdadeira patria, e não se apegar ás cousas ephemeras que muitissimas vezes nos occupam os corações e os espiritos. N'este mundo estamos expostos ás provas de todos os generos: ao peccado, e ás dores phisicas e moraes; se porém triumpharmos das nossas paixões, se fizermos penitencia das nossas culpas, se supportarmos com resignação os nossos soffrimentos, Deus, nosso Pae, nos promete uma vida bemaventurada.

Todas as acções da nossa vida terrestre serão pois um dia contadas e lançadas na balança suprema. Deus é ao mesmo tempo nosso Pae e nosso Juiz; e se é immensa a sua indulgencia paternal, é immutavel a sua justiça.

E a morte pôde vir cada dia, e a cada hora, apoderar-se de nós e arrastar-nos á eternidade. Não devemos contar com o dia de amanhã, porque o minuto presente pôde ser o derradeiro da nossa vida.

Que se conclue de tudo isto? Que a vida eterna é para nós a cousa mais importante, e que, por conseguinte, se é da maior conveniencia termos uma boa vida, é da maior necessidade termos uma boa morte.

Ora, para alcançarmos essa boa morte, quem como nossa Mãe celeste? Se Ella nos tomar sob o seu poderoso patrocinio durante a vida e na hora final, como poderemos temer a eternidade? Cousas admiraveis disseram de Maria os santos e os maiores doutores da Igreja as quaes devem infundir-nos inquebrantavel valor e esperança infinda. S. Boaventura dizia: «Minha querida Senhora e Salvador, obrarei com confiança e não temerei, porque vós sois a minha força e o meu louvor no Senhor... Sou todo vosso e tudo quanto tenho vos pertence.»

FOLHETIM

A SANTA CLARA

De illustre pae, de Francisco,
E's, Clara, a filha mimosa;
Planta que regou a graça,
E fez arvore frondosa.

Dos annos na primavera,
De fructos já te cobrias,
E já sobre o mundo inteiro
Os ramos teus estendias.

Da familia, que esquecido
Do pae havia o fervor,
Tu, Santa, renascer fazes
O antigo zelo e vigor.

O espirito elevado
De Francisco recebeste,
E ás tuas filhas dilectas
O communicaste, o deste.

Doces orvalhos cahiram
Na vinha que tu plantaste:
Semeando e cultivando,
Fructos ensignes tiraste.

Qual anjo que a terra habita,
Vives com Deus tam unida,
Que n'Elle sómente empregas
Todas as horas da vida.

A Deus vias e fallavas,
Sempre em Deus arrebatada;
Um cen na terra tiveste,
N'uma gloria antecipada.

Teu coração forte, intrepido,
Nunca se pôde abalar,
Nem quando viu negro inferno
Todo o poder levantar.

Dos inimigos raivosos,
Que devorar pretenderam
Tuas innocentes virgens,
Os passos retrocederam.

Mas... oh que raro prodigio!
Do teu claustro se afugentam
Gentes armadas, que insultos
Contra elle crueis intentam.

Tu a fome e a sede expulsas,
Multiplicando o alimento;
Convertas em alegrias
O mais acerbo tormento.

Assim honrou Deus na terra
A esta esposa mimosa,
A quem collocou no empyreo
Uma corôa gloriosa.

A ti pois, que tanto podes,
Envio ternos clamores,
E te rogo me consigas
Do meu Deus graça e favores.

O coração já lhe hei dado,
Não n'o quero retirar;
As prisões com que me enlaço,
Nunca desejo quebrar.

O' virgem terna e piedosa,
Dá força ao meu coração,
Porque co'o celeste Esposo
Viva e morra em união.

(S. dos F. de Maria.)

S. João Damasceno exclama: «O' Mae de Deus, tendo confiança em vós, serei salvo; sob a vossa protecção, nada temerei; com o vosso auxilio, fugentarei os meus inimigos.» S. Bernardo declara em termos formaes que Maria é o nosso amparo, protecção e salvação: «Quando Maria vos ampara, não cahis; quando vos protege, não temeis; quando vos guia, não vos fatigaeis; quando vos é propicia; chegaeis ao porto.»

Origenes exprime uma magnifica poesia, quando diz: «Maria possui dois filhos, o Homem-Deus e o homem puro; um corporal e o outro espiritualmente.» S. Bernardino affirma que todos os dons, todas as virtudes, todas as graças do Espirito Santo são dadas pelas suas mãos áquelles a quem ella quer, quando quer, como quer e quanto quer.»

Todas as realzas que possui Maria, agrupam em torno d'ella uma multidão immensa de vassallos que a mam. Rainha dos anjos, tem creancinhas que a conhecem bem, que lhe sorriem e lhe fazem sua oração. Rainha dos patriarchas, os chefes de casa lhe pedem seja mãe da sua familia, a providencia do seu lar christão. Rainha dos prophetas e dos apóstolos, vê os levitas dos seminarios, os das missões e os outros discipulos das grandes escholas apostolicas ajoelharem-se a seus pés e solicitarem do seu coração esse fogo que deve abrasar a terra, esse zelo que faz dar passos tam bellos sobre as montanhas que sobe com o Evangelho. Rainha dos martyres, quantas testemunhas ella tem preparado para essa generosa confissão pela morte, transformando-os em heroes que ardem na santa sede dos sangrentos sacrificios! E quantos martyres diarios só conhecidos do ceu sustenta ella recordando-lhes as suas dores e fallando-lhes da sua gloria!

Rainha das virgens, todas querem levar-lhe aquelle formoso lirio para que o regue com suas benções, assim as que o cultivam como uma flor privada e solitaria, como as que o fazem fructificar para a caridade dos pequenos, dos que soffrem e dos pobres. Rainha dos confesores e dos todos os santos, por meio de Maria o justo se purifica, o tibio se reanima, a angustia espera, o desfallecimento se alenta, o peccador renasce para a justiça; e todas essas almas a glorificam, e todas essas vozes cantam para lhe dar graças e a bendizer.

E não ha de esta excelsa Rainha, Mãe de misericórdia, Vida, Doçura, Esperança e Advogada nossa; não ha de a clemente, a piedosa, a doce, a sempre Virgem Maria escutar os rogos de tantos que a ella clamam, sendo-lhes amparo durante e existencia na terra, e abrindo-lhes com uma boa morte a porta d'uma eterna bemaventurança?

Nunca afrouxando, pois, em nossa devoção a Nossa Senhora sob a expressiva invocação da boa morte, vivamos para Deus, trabalhemos para merecer a recompensa reservada aos seus servos fieis, e esperemos sem pavor a morte, que não é aterradora senão para aquelle que nem tem fé nem esperança. Maria, que tantas coisas nos ensinou, ensinou-nos tambem a bem morrer. Solicitemos portanto o seu auxilio potentissimo para a imitarmos, e seremos salvos.

A. MOREIRA BELLO.

¹ Rosier de Marie.

MOYSÉS

Do deserto de Sin os hebreus dirigirão-se para Raphidin, sitio arido e secco. Os prodigios operados pelo Senhor ainda não tinham convencido este rebanho de escravos da missão divina do seu chefe, porque de novo rompêrão as queixas contra Moysés. «Para que nos tiraste do Egypto? Foi para nos matar á sede, a nós, a nossos filhos e aos nossos gados, nestas desoladas solidões?» Moysés recorreu ao Senhor, o qual lhe ordenou que fosse em direitura ao rochedo d'Horeb e o ferisse com a sua vara. Moysés, firme na fé e confiado no poder de Deus, fez o que o Senhor lhe tinha ordenado, na presença dos ancies e do povo, e logo brotou um rico manancial de agua pura, que saciou todo o Israel.

O mesmo succedeu mais tarde, no deserto de Cadés; mas ahí Moysés feriu duas vezes o rochedo e tanto elle como Aarão não tiveram inteira confiança na ordem do Senhor, pelo que lhes foi dito: «Porisso que não crestes em minha palavra e me não

glorificaste diante do povo, não sereis vós que o introduzireis na terra da Promissão.

E' digno de reflexão este severo castigo. Elles erão os grandes mandatorios de Deus e nem porisso forão isentos de punição. Terrivel exemplo para os que têm recebido grandes graças e se esquecem do grande principio da egualdade perante Deus.

Por os dois milagres do maná e do monte Horeb, o Senhor poz Israel ao obrigo das duas maiores necessidades que pesão sobre o homem em quanto anda neste mundo. Depois de lhe ter garantido a existencia material, dando-lhe pão para que não padecesse fome e agua com que apagar a sede, affim de o distrair do seu genio essencialmente revoltoso, excitou-o a combater.

Os amalecitas (povo nomada descendente d'Amalec, neto d'Esau) que habitavão a região fronteira aos chananeos e aos idumeus, não tendo consideração alguma por a commum origem que tinham com os Israelitas, picarão-lhe de improviso a retaguarda, sem previa declaração de guerra. Moysés designou Josué, filho de Num, para os combater; mas antes de se travar pelega, subiu a um monte que dominava o campo de batalha, com o seu cajado sancto na mão. Em quanto elle pedia ao Senhor, conservando as mãos erguidas para o ceu, Josué levava vantagem; quando porém as descaia, Amalec parecia victorioso: pelo que, para assegurar a victoria, Aarão e Hur sustentarão os braços enfraquecidos do velho patriarcha até ao pôr do sol, e os inimigos se precipitirão em fuga, apoz uma horrivel mortandade. Este acto era o symbolo da oração, e Moysés levantando as mãos para Deus em quanto se combatia, fez comprehender ao povo que em tudo é preciso juntar ao trabalho a oração, a fé ás obras, e que da união d'ambas as coisas é que dependem a prosperidade e sanctificação do homem na terra e no ceu.

Moysés levantou um monumento para perpetuar a recordação d'esta victoria, e prophetisou que os amalecitas desaparecerião um dia da face da terra, facto que se realisou no reinado de Saul, primeiro rei dos Judeus.

Por este tempo, tendo Jethro sabido das maravilhas que Deus tinha obrado por intermedio de seu genro, conduziu-lhe sua mulher com seus dois filhos. Sendo Moysés prevenido da chegada da sua familia foi ao encontro d'ella, e, depois de se prostrar no chão, abraçou e encheu de afagos a todos. Jethro em renhhecimento dos beneficios do Eterno offereceu ao Senhor em holocausto hostias pacificas, o que prova que elle conservava a fé que lhe tinham transmittido os seus antepassados, descendentes de Abraham, por Cethura; e tanto elle como Aarão e os ancies d'Israel comerão pão deante do Senhor, em signal de união e confraternidade.

No dia seguinte assentou-se Moysés, segundo o costume, para dar justiça ao povo, no que se occupava quasi todos os dias de manhã até á noite. «E'sse um trabalho superior ás vossas forças, lhe disse Jethro. Dae justiça ao povo no que diz respeito a Deus; ensinae ás tribus a maneira como devem honrar o Senhor, o caminho que devem seguir; mas escolhei homens firmes e de coragem, tementes a Deus, nos quaes haja verdade e aborreimento á avareza, e elles que decidão as coisas de somenos importancia.»

Moysés seguia o excellente conselho de seu sogro e tratou de dar uma primeira organização ao povo, organização que servisse de base á constituição que tinha em vista outorgar-lhe. Para isso dividiu a nação em corpos de 10, 100 e 1000 homens, á frente de cada um dos quaes pôz um chefe que devia julgar os negocios secundarios, reservando para si as decisões mais graves. Era uma disposição judicial similhante á que adoptão os povos modernos, nos quaes ha tribunaes de varias instancias. E' provavel que Moysés na escolha d'estes juizes não attendesse só á força e energia moral mas tambem á riqueza; por quanto os ricos são os que podem ser mais desinteressados e insubornaveis e por isso mais proprios para administrar justiça. Assim pensavão os indios antigos, os athenienses e os cartaginezes, e assim o pensão os governos actuaes instituindo ordenados aos funcionarios judiciaes de moito a tornál-os independentes. Moysés quiz que os juizes (que mais tarde formárão uma das classes mais respeitadas da nação) fossem de eleição popular, outra ideia altamente racional e determinou-lhes que dessem as sentenças á porta das cidades. A razão que teve Moysés para situar este logar aos tribunaes, era a brevidade do despacho. Vinha o lavrador,

vinha o soldado, vinha o estrangeiro com a sua demanda, com o seu requerimento; e sem entrar na cidade, voltava respondido no mesmo dia para sua casa. De sorte que estavão tão promptos aquelles ministros, que nem ainda dentro na cidade estavão, para que os requerentes não tivessem o trabalho, nem a despeza, nem a dilacção, de entrarem dentro.

«Não saibão os requerentes a differença d'aquella era á nossa, diz o nosso grande padre Vieira, para que se não lastimem mais. Antigamente estavão os ministros ás portas das cidades, agora estão as cidades ás portas dos ministros. Tanto coche, tanta liteira, tanto cavallo (que os de a pé não fazem conta, nem d'elles se faz conta). As portas, os patios as ruas rebentando de gente, e o ministro encantado, sem se saber se está em casa, ou se o ha no mundo; sendo necessaria muita valia só para alcançar de um criado a revelação d'este mysterio. Uns hantem; outros não se atrevem a bater; todos a esperar, e todos a desesperar. São finalmente o ministro quatro horas depois do sol; apparece e desaparece de corrida: olhão os requerentes para o ceu, e uns para outros; aparta-se desconsolada a cidade, que esperava junta.»

Augusto Semblano.

ROMARIAS E FESTIVIDADES

(Continuado do n.º 28)

As romarias são occasião de desmoralização, porque de preferencia ahí concorrem muitas toleradas que arruinam a mocidade no physico e na moral. E nos arraiaes ou ajuntamentos nocturnos que muitos incautos moços recebem as primeiras lições de immoralidade, guiados por companheiros dissolutos, e em algumas donzelas despertam as primeiras paixões que mais tarde as conduzem á desgraça e á miseria.

Á alguns paes de familia cabe grande responsabilidade (digamol-o de passagem) por consentirem que seus filhos e filhas vam ás romarias de noite, e muitas vezes com más companhias. Iludem-se, porque as filhas vam cumprir uma promessa: dar uma esmola ao Santo e algumas voltas em roda da capella, promettem-lhe que passem a noite n'esses ajuntamentos nocturnos! Ellas, conhecendo isso, quando querem ir a uma romaria, fazem promessas por qualquer motivo, e assim enganam os descuidados paes.

Não combatemos as romarias, combatemos o modo como se fazem e os abusos e as immoralidades, a que ellas dam logar.

Acabe-se com os arraiaes ou ajuntamentos nocturnos, fogo de artifício, musicos (de noite) e tudo que atrahê o povo ás romarias em horas improprias; e de noite fechem-se as portas do templo, para tirar a esses ajuntamentos nocturnos todo o caracter religioso, e com isto acabarão a maior parte dos abusos, e haverá mais reverencia e moderação. A noite dá logar a muitas acções; que de dia se não praticam tão facilmente.

Respondem-nos talvez que isso é acabar ou diminuir a concorrência de povo e a receita das esmolas.

Antes isso.

As romarias devem ser para adorar a Deus e venerar os santos, e não para divertimentos profanos.

Antes poucas esmolas e poucos romeiros com devoção e respeito, do que muitos com irreverencia e desacatos; ou são festividades religiosas ou divertimentos profanos.

Como actualmente se fazem as boas obras, as orações e piedade de poucos, não correspondem aos agravos e desordens de alguns e á indifferença de muitos.

Concluimos, pedindo aos mezarios e promotores das romarias que olhem com attenção para os males que deixamos apontados e procurem acabar com elles.

Em muitas freguezias ha o bom costume de se fazerem festividades religiosas com o fim de obterem do Todo Poderoso graças espirituacs e principalmente beneficios temporaes, taes como que afaste trovoadas ou prejuizos extraordinarios das searas, vinhas e mais culturas.

Achamos isto muito bom, porque em taes casos só a Deus devemos recorrer, os homens na pólem para offertar taes flagellos; mas deve-se fazer com devoção e humildade, sem ostentação nem vaidade.

Observa-se muitas vezes que as festividades se fazem sem verdadeiro espirito religioso, perdendo assim todo o valor aos

olhos de Deus. Algumas vezes fazem-se por caprichos, dando logar a inquietações, rixas e murmurações o que as torna repugnantes perante o Altissimo.

Nas festividades em que se pede a Deus detenha ou afaste um flagelo, tal como o phyloxera, o terrivel devastador da vinha, o precursor da miseria e da fome, devia-se orar com devoção e fervor religioso; mas faz-se o contrario: não se ora, a festividade é toda de ostentação, luxo mundano e vaidade mais parece propria para festejar ou commemorar um acontecimento feliz. Como taes festividades não se obtem graças, não se desarma o braço Divino nem se consegue afastar o terrivel flagelo que nos aterra, antes se provoca a ira Divina.

Se queremos que as nossas supplicas sejam ouvidas e attendidas do nosso bom Deus, prostemo-nos ante os altares, e verdadeiramente arrependidos de nossas faltas oremos com fervor, humildade e perseverança.

Aviagos 45—8—82.

M. I. M. de Moraes.

CORRESPONDENCIA

Villa Verde, 16 d'Agosto de 1882

(Do nosso correspondente)

Custa realmente a crêr que o empavesado escrivão da excelsa camara descesse do seu luxuoso cadeirão, para vir tercirar em pugna desairosa com um modo-eto empregado da administração, pelo facto de lh'atribuir a correspondencia de 8 do corrente, que lhe beliscou os tecidos essencialmente cabelludos!

Que o snr. Pimentel é pelludo isso vê-se do farto bigode, da péra sans pareille, e d'aquelle todo, em fim, onde só se lhe descobre pélo, e que lhe dá os toques de — um bonito urso —, perloê a comparação; mas que fosse tambem pelludo e abilhudo o genio d'aquelle snr., estava eu longe d'acreditar! Supuz sempre que elle era um rapaz de fino trato, familiar, e que, aparte uns certos defeitos, com que, repito, *ninguém se importa*, era a élite dos rapazes, dos rapazes da nova escola. Iludi-me; porém, e lamentamento a occasião em que me lembrou abordar o pélo do snr. Pimentel, que trouxe ao snr. Manso o desgosto de se vêr cara a cara (vejam que susto!) com o snr. Pimentel, furibundo, iracundo, e branco como o papel!

Branco é modo de fallar: fui forçá-lo pela rima a trazer a comparação da brancura do — papel —, que só a menos mal com — Pimentel —, mas não que o snr. Pimente se fizesse branco, — o que rectifico.

Pois, snr. Pimentel, — o snr. não andou bem no torneio desastrado que tem com o pobre do Manso. Acredite que elle está tão innocente e inconsciente no escripto que o magoou, quão culpado o sr. está no que se disse de si. Dou-lhe d'isto a minha palavra d'honra: — e se o snr. promette levar longe a sua sanha contra quem não tem responsabilidade alguma no que eu escrevi, aqui já lhe prometto eu tambem de declinar o meu nome, e de tomar solemnemente a responsabilidade d'aquelle escripto, e de quantos forem precisos para o snr. entrar na ordem que lhe prescreve o seu dever como empregado, e como homem.

Creia que não tremerei diante das suas barbas, como não tremi ao vêr um soberbo haleote, arrojado morto a uma praia, e que tinha maiores barbas que as suas.

Portanto, acode-me o desejo de lhe ensinar mais tino no desempenho das suas obrigações, para que se não faça uma triste ideia d'esta terra, pela qual sinto verdadeira predilecção.

Ennojam-me os seus desconchavos, que obrigaram o digno presidente da Camara, o snr. Nogueira, de Gondomar, — caracter respeitabilissimo, — a declinar o mandato, e a protestar não voltar a occupar o seu lugar enquanto o snr. tivesse o desplante de se julgar o arbitro do municipio! Isto é inaudito, e simplesmente vergonhoso!

Que o snr. não tenha pelos annos o respeito devido não admira. — quando o não tem para com seu proprio pae; mas devia-o ter para com um cavaheiro com mais conhecimentos que o snr., e que, sobretudo, era ali o seu superior, e o seu chefe.

D'aqui nenhum proveito lhe advirá, snr. Pimentel: — e na esteira que vae não tardará o chaveco partido d'encontro ao primeiro baneio, e a deus, timoneiro!...

O snr. tem a louca presumpção de se julgar um Cicero, e de querer dar os toques de governança na sua desmantelada repartição;

porém isso desfeia-o aos olhos de quem o conhece, — galucho que é em tudo, sem o criterio da idade, sem a circumspecção que se adquire na boa sociedade, sem tirocinio de repartição, sem elementos alguns que o tornem... supportavel, pelo menos.

Prende o sr. que estudou, —póde mesmo abonar-se com a ruina dos haveres de seu pae; mas o que não póde justificar é que da massa dos seus conhecimentos saia alguma coisa proveitosa para o concelho que o sustenta:— e isto porque o sr. não precisava cursar escolas superiores para exercer vinganças mesquinhas, para dar falsas informações nos processos de recrutamento, por simples represalia para com este, ou para com aquelle,— e para *muchas cosas más*, que temos muito tempo d'esmerilhar.

Para se conseguir um empregado nas condições vistas foi deploravel a lucta sustentada pelos seus amigalotes, que se esforçaram a ponto de quebrarem os tamancos, elles, os coitados, que o fizeram julgando que o sr. era o Antchristo!

Que beija farão elles quando ouvirem como eu, com estes que a terra ha de comer, dizer a um rustico lavrador,—referindo-se á sua pessoa — «Coitadinho! elle será muito fino, será; mas não o parece, que nem rir sabe.— Leve-o o diabo,— continuou o lavrador, n'um tom convicto,— se o Fôfa, ou o Ilbas, não fizessem melhor papel que este papelão.»

Isto devere ser um grande desconsolo para aquelles benemeritos, sobre quem ha de pesar um dia, na propria consciencia,— se é que a teem,— a sua desastrosa nomeação, preterindo outros; como já aqui disse,— que se recommendavam por qualidades que todas desconhecem ao sr.

Sr. Pimentel! — muito seriamente! — faça uma confissão geral das suas faltas de rapaz, e harmonise-se com Deus; lance-se depois aos pés de seu pae, e peça-lhe perdão dos agravos que lhe tem feito, e verá, depois, como poderá alcançar do publico uma estima sincera, cumprindo o sr., — secundariamente áquelles deveres,— os de bom cidadão, e de bom empregado.

Y.

CONSELHO DE DISTRICTO

Sessão de 28 de Julho

(EXTRACTO)

Presidencia do exm.º sr. governador civil Jeronymo da Cunha Pimentel, estando presentes os vogaes Mendonça, Pimenta Junior, Ferreira Almeida, Mendonça Magalhães e Ribeiro de Mello.

Representou o ministerio publico o bacharel Gaspar Pizarro, 1.º official, servindo de secretario geral.

Esteve tambem presente o delegado do thesouro, dr. Sousa Reis.

Lida e approvada a acta da sessão antecedente, foram resolvidos os negocios seguintes:

CONSULTIVOS

O conselho foi de parecer que fossem approvadas as novas condições da contracto respeitante ao estabelecimento do Elevador pedidas pela meza do Real Sanctuario Bom Jesus do Monte.

Foi o conselho de parecer que fossem approvados os seguintes orçamentos respeitantes ao anno de 1882-1883;

No concelho de Barcellos, do Recolhimento do Menino Deus e das Almas, da freguezia de Perifhal.

No concelho de Guimarães, da Santa Casa da Misericordia, d'aquella cidade e das repartições dos entrevados, e das obras do novo hospital.

CONTENCIOSOS

Approvou as seguintes contas:

No concelho de Braga, das juntas de parochias das freguezias de Arentim, dos annos de 1866-67 até 1881, e da Cidade, de 1881, do SS. Sacramento, da freguezia de Pedralva de 1880-81; Senhora do Rosario e Almas, da freguezia de Gualtar de 1881-82; de S. Simão e S. Judas da freguezia de S. Mamede d'Este, de 1879-80 até 1881-82.

Concelho de Fafe, da junta de parochia da freguezia de Fareja, dos annos de 1880 e 81.

No concelho de Guimarães, da Senhora da Guia, dos annos de 1863-64 até 1880-81; e do SS. Sacramento, da freguezia de Briteiros, dos annos de 1850-51 até 1880-1881.

Mandou devolver, para reformar, e as-

signar as contas da junta de parochia da freguezia de Infesta, do concelho de Celorico de Basto, e de S. Sebastião, da freguezia de Ferreiros, do concelho de Braga.

Denegou approvação ás contas de S. Miguel o Anjo, da freguezia de Cabreiros, do concelho de Braga.

Deu provimento ao recurso em que é recorrente o revd.º abba de S. João do Souto, e recorrida a junta de parochia.

Não tomou conhecimento do recurso de Joaquim Domingues Costa, da freguezia de Fradellos, do concelho de Famalicao.

Denegou provimento ao recurso interposto por José Antonio Gonçalves d'Oliveira, da freguezia da Lage, do concelho de Villa Verde.

Denegou igualmente provimento ao recurso em que é recorrente o revd.º Antonio Bernardino Gonçalves Pereira, parcho encommendado da freguezia de Esporões, e recorrida a junta de parochia da mesma freguezia, e a das congruas.

COMMUNICADO

Sr. redactor.

Atribuindo-me algum a paternidade das correspondencias d'este concelho publicadas em alguns n.ºs da Cruz e a Espada, e podendo a intriga influenciar no animo do chefe da repartição de que sou o ultimo dos empregados, dando logar á que eu seja julgado menos lisongeiamente, rogo a V., por minha dignidade e como satisfação unicamente ao alludido meu chefe, aquem devo respeito e gratidão, se digne, com a publicação d'esta no proximo numero do muito lido periodico que dignamente redige, declarar se sou, ou alguma vez fui o correspondente do mesmo n'este concelho.

Esta declaração, diga o que disser o sujeito quiçá com mais justiça verberado na penultima das referidas correspondencias, servir-me-ha de muito, se bem que era desnecessaria para quem me conhece de perto e sabe perfeitamente que não costumo adoptar o que não faço, nem, tão pouco negar o que faço.

Pela satisfação a este pedido se confessa muito e muito obrigado o que tem a honra de assignar-se

De V.

All.º V.ºr e C.ºd

Villa Verde 13 de Agosto de 1882.

Manoel da Motta Manso, amanuense da administração do concelho.

(Segue-se o reconhecimento)

NOTICIARIO

Declaração.—A redacção d'este jornal declara, que o seu illustrado correspondente em Villa Verde, não é, nem nunca foi, o sr. Manoel da Motta Manso, honrado e esclarecido empregado na administração do concelho da mesma Villa; pois, o nosso correspondente além d'illustrado, é uma especie d'ave nocturna, que mesmo na escuridão das trevas esvoaça por cima dos leprosos e affectados de mórmo. Esperem que elle desenrole o sudario, que tem seguro nas mãos, e depois veram o que ahí vae....

Aos nossos assignantes.—De Lisboa, Porto, Vianna, Barcellos e Guimarães. prevenimos de que a cobrança respectiva a estas localidades será feita por intermedio do correio.

Os recibos serão hoje expedidos, podendo os snrs. assignantes das freguezias ruaes, procural-os na estação do correio, e isto por espaço de 15 dias.

Festividade.—No domingo festeja-se na capella de Guadalupe, a sacra imagem de Nossa Senhora da Piedade, que se venera na dita capella. Hoje á noite haverá uma brilhante illuminação, fogo d'artificio, basar de prendas e musica, e amanhã haverá missa cantada a instrumental—exposição do SS. Sacramento todo o dia, e de tarde sermão prégado pelo virtuoso e illustrado sacerdote padre Carlos.

No fim ladainha de Nossa Senhora, e benção do SS.

Fallecimento.—Finou-se hontem o joven Ernesto da Fonseca Figueiredo, sobrinho do Ex.º Sr. Conego Antonio Lopes de Figueiredo, contando apenas 17 primaveras.

A dôr que dilacera o bondoso coração do thio, que o amava e estremecia como fello, só póde ser suavizada pelo balsamo confortivo da religião, e a firme certeza de que a alma de seu chorado sobrinho voou á manção dos justos.

Se as lagrimas que vemos deslizarem-se pelas faces podem mitigar por algum momento as agruras que affligem sua nobre alma, confundir-se-hão ellas com as nossas, que ainda não enchugamos, produzidas pela mesma causa. Todos sofremos.

Receba pois, S. Exc.ª os nossos mais sentidos pezames.

Partida.—O Ex.º Sr. Antonio José da Cunha Vianna, esrivão de direito d'este juizo e escriptor muito conhecido, seguiu na quinta feira para a Povoá de Varzim na companhia de sua estimavel esposa.

Apetecemos-lhes as melhores horas de descanso e alegria n'aquella encantadora praia, reanimando assim a sua enfraquecida saude.

Melhoras.—O nosso amigo e digno escrivão de direito José Clodomiro Telles, acha-se quasi restabelecido do grave incommodo porque passou. Já veio ao escriptorio.

Estimamos

Desgracas.—Em Paredes, na occasião da passagem do Senhor D. Luiz, estando o fogueteiro a lançar ao ar girandolas de foguetes, fel-o com tanta infelicidade que pegou fogo a todas as materias inflamaveis que tinha proximo a si, do que resultou a morte de sua mulher, que ficou com as pernas feitas em innumerados pedaços, morrendo pouco depois; o pobre fogueteiro ficou tambem muito queimado e veio para o hospital de Penafiel em maca, sendo-lhe feita immediatamente a amputação das pernas. Crê-se que não escapará.

A pedra do escandalo.—É mui vulgar usar-se desta expressão, quando se quer tornar mais odioso o máo procedimento de qualquer, que pelas suas acções offende a honra, e o decoro publico: pelo que convem saber a causa, que motivára esta expressão. Havia uma pedra elevada junto do portico principal do Capitolio da antiga Roma, na qual se achava esculpida a figura de um Leão. Aquelles que fazião banca-rola, ou quebra dolosa, e que se viam na necessidade de abandonar os bens aos seus credores, erão obrigados a assentar-se nús sobre esta pedra, e chamar em alta voz— *cedo bona*— eu abandono os meus bens, seguindo-se a esta declaração o baterem tres vezes na dita pedra com o trazeiro; com effeito, sendo de inverno, não era má peça; pobres homens! Passada esta pratica irrisoria, que todavia para alguns seria forte motivo, para serem mais escrupulosos, e não delapidarem os bens dos outros) não podião ser mais inquietados; e além disso ficavão difamados, erão declarados intestaveis, e até não podião depór em juizo como testemunha: tal era a maneira como corrigiam os devedores dolosos.

Que dirá a isto a sociedade do *olho vivo*: para quem a honra é verde, isto é, é-va fresca...

O Sepulchro de Abrahão.— Segundo noticias da Terra Santa, a sepultura de Abrahão, Sara, Isaac, Rebeca, Jacob e Lia, a dupla caverna de Macpelach, cerca de Hebron, mantem-se intacta como nos tempos biblicos.

Os restos do patriarcha e dos seus conservam-se em sarcofagos de pedra.

Desde as cruzadas, nenhum christão vingou ainda entrar na sepultura.

Nestes ultimos annos, o príncipe de Galles e o príncipe imperial da Alemanha, autorizados pelo sultão, poderam penetrar na mesquita construida n'aquelle sitio, mas não conseguiram franquear a entrada da gruta.

O architecto italiano Pierotti, rebuçado em arabe, logrou descer alguns degraus da caverna e avistar os sarcofagos de marmore, dispostos em fila, onde se encontram os corpos dos primeiros paes do povo de Israel, provavelmente embalsamados segundo os Processos egipcios.

Ha poucas semanas que, por ordem do soberano, uma commissão visitou o interior da gruta, para verificar se era necessario fazer algumas reparações.

Encontrou-se tudo no melhor estado, excepto as alfombras de seda, estendidas sobre os sarcofagos, e que vão substituir-se por outras, preciosissimas, que enviará o sultão.

Grande melhoramento.— Participam de Lisboa:

Parece que o sr. Carlos Bento resolveu o difficil problema da applicação da electricidade como motor para os tramways. S. exc.ª já requereu privilegio de invenção para o seu sistema de força motriz, que denomina: «Sistema de tramways electricos de conductor subterraneo, applicavel ás ruas da cidade».

O inventor tem a maior confiança no resultado e affiançam-nos que as experiencias, que teem sido feitas, deram o mais completo e satisfatorio resultado.

Brevemente vão ser feitas experiencias publicas.

Civilização da Africa.— Ha tres annos que o explorador Stanley se occupa em fundar, a expensas do rei dos belgas, uma linha de estações, a partir da embocadura do Congo, destinadas a abrir um caminho commercial de brilhante futuro. Segundo as ultimas noticias recebidas na Europa, estão já completamente organisadas cinco estações, as de Vivi, Izangea, Teayengo, Stanley e Pool, tendo-se construido uma estrada que as põe em communicação.

Estas estações são cidades em embrião, não belgas, mas africanas; teem as suas casas, os seus jardins, a sua bandeira azul com uma estrella d'ouro. A cada estação corresponde um chefe, um sub-chefe e um ou dois assistentes brancos. Quando seja aberta a grande via de communicação, os trabalhos executados sob os auspicios do rei dos belgas terão terminado, e a industria e o commercio europeus poderão penetrar até ao coração do continente africano.

Indisciplina.—Em Louanda, n'um dos primeiros dias de julho, um soldado que se achava de sentinella tentou matar um official do seu corpo. Tambem um musico da policia matou ás fadadas o guarda-portão da junta de fazenda.

Estas praças são degredados.

Catalepcia.— Participam de Paris: Recobrou já o uso da fala uma pobre mulher, Marcelina Bertrand, que saiu ultimamente de um longo estado de catalepcia, o qual durou sessenta e seis dias.

Declara que, n'esse estado, via e ouvia tudo, e que sentira perfeitamente as dôres de um parto, que soffreu; mas não podia mexer-se, nem proferir palavra alguma.

Actualmente, encontra-se, como é natural, n'uma debilidade extrema.

SEMANARIO DOS FILHOS DE MARIA

SUMMARY do n.º 21—Assumpção de Nossa Senhora, por A. Moreira Bello—Nossa Senhora da Boa Morte, por A. Moreira Bello—O fim do desterro de Maria—Jesus e Maria (poesia) por Alves de Rezende—Caridade, pelo abba de J. S. Barroso—Santa Clara—A Santa Clara, por ***—Pequenas conferencias sobre o Christianismo—Historia da Santissima Virgem—As dores de Maria Santissima (poesia) por ***—A Virgem das Neves—Chronica.

AGRADECIMENTOS

Os abaixo assignados agradecem por este meio, em quanto o não fazem pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido, irmão sobrinho cunhado e tio, o dr. Manoel Joaquim Penha Fortuna, e o acompanharam ao cemiterio publico; bem como aos dignos ecclesiasticos que gratuitamente disseram missa, e assistiram ao seu funeral; ás corporações, associações e artistas que lhe honraram a memoria com suffragios por sua alma.

- Maria Rita da Silva Penha Fortuna,
- João Penha,
- Maria Candida Penha Lopes Braga,
- Maria de Patrocinio Penha Fortuna,
- Anna Julia Penha Fortuna,
- Amelia Augusta Penha Fortuna,
- Emilia Eliza Penha Fortuna,
- Delmira Amalia Penha Fortuna,
- Maria Carolina Penha Fortuna,
- Anna Casimira de Oliveira Braga,
- Thereza de Jesus Penha Fortuna,
- João Luiz Pipa,
- João Antonio de Oliveira Braga,
- Antonio José de Oliveira Braga, (ausente)
- Rita da Silva da Costa Rebello,
- Antonio Maria da Costa Rebello,
- Luiz Antonio Lopes Braga.

Maria do Patrocinio Torres e marido João Ferreira Torres, agradecem penhoradissimos a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de seu chorado filho Francisco Casimiro Ferreira Torres, cujo decesso teve lugar no dia 4 do corrente, e bem assim a todos os Reverendos sacerdotes que assistiram aos officios funebres e celebraram o Santo sacrificio da missa por sua alma na Capella de S. Miguel o Anjo, assim como ás mesas de Nossa Senhora do Ó, Nossa Senhora d'Ajuda e Almas de S. Thiago, que tão dignamente se promptificaram a acompanhar o cadaver ao cemiterio publico, não podendo deixar de mencionar o nome dos dous sabios, virtuosos e exemplares sacerdotes P.^o Melli e Carlos, que, por espaço de dous mezes nunca desampararam seu finado e saudoso filho, confortando-o e animando-o com o mais verdadeiro amor e caridade evangelica, a deixar este mundo para colher na eternidade a palma que Deus destina á aquellos que morrem abraçados á cruz, sendo este o verdadeiro consolo de seus paes em tão triste conjunctura.

Tambem agradecem ao muito digno Director do Collegio do Espirito Santo os favores e finezas que lhes dispensou no ultimo mez de sua molestia, favores que só as almas verdadeiramente christãs podem liberalisar aos que gemem com uma grave molestia, como aquella que arrebatou á eternidade, seu nunca esquecido filho.

A todos pois, reconhecidamente agradecem, protestando-lhes o seu mais indelevel e profundo reconhecimento, pedindo desculpa de qualquer falta involuntaria.

Braga, 12 de Agosto de 1882.

Maria do Patrocinio Torres,
João Ferreira Torres.

Os abaixo assignados, agradecem em extremo penhorados a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua chorada esposa, mae, irmã, tia e cunhada, D. Lucia Carolina Ferreira Couto; bem como ás que assistiram aos responsos de sepultura no dia 7 do corrente na igreja da veneravel Ordem Terceira de S. Francisco: a todos pois, reconhecidamente agradecem e pedem desculpa de o não poderem fazer pessoalmente como era do seu dever.

Jeronymo José Ferreira Couto
João Baptista Ferreira Couto
Maria Narcisa M.^a Ferreira
Manoel Luiz Ferreira Braga
Maria Narcisa Pinto Barbosa
José Pereira da Cunha
Jeronymo José Pereira da Cunha
Manoel José de Campos
Antonio da Cunha Pinto Barbosa
(64) Manoel da Costa Araujo

ANNUNCIOS

Pelo Juizo de Direito da comarca de Braga, e cartorio do escrivão do 2.^o officio abaixo assignado se ha-de proceder no dia 10 do proximo seguinte mez de Setembro pelas 10 horas da manhã na praça publica das arrematações á porta do tribunal no largo de Santo Agostinho d'esta cidade de Braga, á arrematação dos bens arrestados aos executados Francisco Pereira Leite e Castro, e mulher D. Maria dos Desamparados, na execução que lhe move o exequente Manoel Gonçalves da Maia na qualidade de cessionario dos herdeiros de Fortunato Ribeiro Machado Guimarães morador que foi n'esta mesma cidade, cujos bens são os seguintes: diversos moveis, roupas, cobertores de damascos e generos e fazendas de negocio de mercearia, tudo avaliado nos valores constantes da dita execução. Uma morada de casas de tres andares situada no largo da Lapa d'esta cidade designada pelo numero 5, allodial avaliado com agua de torneira em 6:150\$000. A quinta denominada de Piellas contigua á rua Nova do Bico d'esta mesma cidade, com suas casas avaliadas em 3:469\$000 reis. Tres mo-

radas de casas terreas com seus quintaes com os numeros 47, 48 e 49 avaliadas cada uma em 140\$000 reis. Duas moradas de casas torres de um andar com quintal, com os numeros 50 e 51 avaliadas cada uma em 180\$000 reis. Uma morada de casas torres com quintal, com o numero 52 avaliada em 983\$840 reis. Todas as ditas 6 moradas de casas são sitas na dita rua Nova do Bico.—Uma bouça de matto e alguma lenha sita no monte de Crasto freguezia de S. Lazaro, d'esta cidade, avaliada em 300\$000 reis. Um bocado de bouça solta pegada ao dito monte de Crasto sito entre as freguezias de S. Lazaro, S. Victor e S. Martinho que produz tojo e tem lenha de carvalho, formando um triangulo avaliado em quarenta mil rs. A propriedade denominada de Cabanas, com casas para caseiro, terras de lavradio, matto e arvores de vinho e fructo situada no lugar de Cabanas da dita freguezia de S. Martinho de Dume, avaliada em 3:059\$280 reis. Uma morada de casas torres de dous andares com quintal com o numero 70, sitas na rua de S. Vicente, da mesma cidade, avaliada em 540\$000 reis. Uma morada de casas torres com quintal com o numero 71 sita na mesma rua de S. Vicente, avaliada em 600\$000 reis. E o foro annual de 22\$000 reis, imposto em uma morada de casas torres com quintal com o numero 69 sita na mesma rua de S. Vicente, avaliada em 440\$000 rs. Pelo que tambem são citados e chamados todos os credores insertos dos executados para assistirem á dita praça e aos termos da execução e virem deduzir seus direitos com a pena da lei e de revelia não comparecendo. Vai collado e devidamente inutilizado um sello de estampilha de 10 reis.

Braga 12 d'Agosto de 1882.

O Escrivão

João Marcos de Araujo Ribeiro

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito

(62) Adriano Carneiro de Sampaio.

AVISO

Os gerentes da nova caza penhorista Bracarense, sita na rua dos sapateiros, n.^o 9, previne os snrs. mutuarios, que tenham penhores nesta caza, e estejam em debidade mais de tres mezes, para que os venham resgatar ou pagar seus juros, isto até ao dia 15 do proximo mez de setembro; do contrario serão considerados em abandono, e vendidos a quem mais dér.

(63)

Arrematação

Pelo Juizo de Direito d'esta cidade e comarca de Braga, e cartorio do Escrivão do 1.^o officio do mesmo Juizo—Freitas—se faz publico que no dia 27 d'este corrente mez de Agosto por 10 horas da manhã, terá lugar no Tribunal Judicial d'este comarca a arrematação em hasta publica, no dito dia, dos bens de raiz, que Manoel Martins, actualmente residente n'esta cidade de Braga, pinhorou aos executados, Antonio José Antunes, e mulher Maria José de Barros, do Bom Jesus do Monte, freguezia de Santa Eulalia de Tenões, d'esta comarca, para pagamento da quantia de 100\$000 reis e dos juros e custas que afinal foram liquidados. Pelo pelo presente são citados todos os credores incertos dos ditos executados, para comparecerem no acto da praça, e usa-

rem querendo, do direito que a lei lhe confere. Leva um sello de estampilha de 10 reis, collada e inutilizado.

Braga 7 d'Agosto de 1882 e dois.

O Escrivão

José Firmino da Costa Freitas

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Adriano Carneiro de Sampaio.

(61)

COLLEGIO

DE S. BENTO

LARGO DE SANTO AGOSTINHO N.^o 8
BRAGA

No proximo dia 9 do mez de Julho abrir-se-ha este novo estabelecimento de educação e ensino, para crianças do sexo masculino.

Admitte desde já alumnos internos, semi-externos e externos, para as diversas disciplinas que n'elle se hão-de cursar,

as quaes serão confiadas a pessoas competentes.

Para informações e programmas, dirigir-se ao director.

(50) Benlo Desiderio Peixoto Querido.

Compra-se

Toda a porção que apparecer de feijão branco, vermelho e amarello, e vinho fervido.

Rua de S. João n.^o 9—Braga.
(58)

HOTEL LUZO BRAZILEIRO

PRAÇA DO BARÃO DE S. MARTINHO

Proximo ao Passeio Publico

BRAGA

Este novo Hotel decentemente mobilado, offerece aos Ex.^{mos} Snrs. Hospedes, as commodidades precisas tanto em acção como em limpeza, por preços muito rasoaveis.

O PROPRIETARIO, Almeida Maya.

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS N.^o 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principiari em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade.

DIA A DIA DE UM ESPIRITO CHRISTÃO

Aphorismos, e reflexões philosophicas sobre a moral, a sciencia, a litteratura, a politica, etc., etc.

PELO

P.^o SENNA FREITAS

1 VOLUME EM 8.^o, PAPEL SUPERIOR, 600 REIS

Para os assignantes da «Historia Verdadeira da Inquisição» e do «Progresso Catholico», custam cada 3 exemplares o preço de 2. isto é, 3 exemplares custam 1\$200 reis.

Transcrevemos da *Ordem*, jornal catholico, de Coimbra, a seguinte apreciação, que mostra assás a importancia do livro:

«Mais uma obra do nosso feitejado Padre Senna Freitas, em que aos fulgores de seu estylo opulento, florido, grave e brincado, acrescenta um discorrer de profundo pensador. Não é só o estylista que nos seduz e arrebatou: é o philosopho que nos faz scismar. Nos seus 378 aphorismos ou reflexões, den-nos a conhecer e revelou-se-nos mais e melhor ainda o vigor do seu talento, a força de sua comprehensão, e vastidão de seus conhecimentos, como que encyclopedico.

Não é só o homem que escreve; é sim o homem que escreve e pensa o que escreve, ao contrario do que hoje succede na generalidade, pois que a grande parte dos que tal mister exercem *escaebem*, mas não *pensam* no que escrevem. D'ahi tantas insanidades e inconveniencias: atropela-se a historia, falseiam-se os principios, transformase tudo.

Mas no meio d'esta decadencia que o *extrangeirismo* importado nos está cavando, consola e faz bem a um coração de portuguez deparar com um livro que falta uma linguagem castiça, de verdadeiro portuguez tambem, que herdou de seus maiores o glorioso titulo de catholico, que se não acobarda na confissão e defeza de suas crenças santas.

Conhecedor das opulentas riquezas da nossa lingua, romancista suave e sempre útil, philosopho que não olha as coisas a^o de leve ou pela superficie mais que vai, com o aguçado e penetrante de seu engenho, até ao amago das coisas; critico seguro e de grandes recursos e cabedal scientifico; litterato de variados conhecimentos; estylo que se amolda a todos os movimentos da alma sempre na superioridade de sua pureza e magestade, pois não é favor conceder-lhes as horas de um dos nossos actuaes primeiros homens de letras; taes são os dotes que nos afiguram resaltar da leitura do «*Dia a Dia*», que já agora será mais uma pedra para o monumento immortedouro e glorioso que a posteridade e honra de letras patrias um dia lhe hade levantar. Outros com menos jus o têm tido: elle em seu levantado espirito, não o espera: mas cá lhe ficam suas obras, que são tambem nos-as, seus vestigios, e passos de apostolo, que o paiz aclama honra da religião e da patria.

Louvamos tambem o sr. Teixeira de Freitas por se ter conservado sempre *editor catholico*, e esperamos o continuará sendo.» (Ordem, de Coimbra, 10 de setembro de 1881).

Pedidos a Teixeira de Freitas—Guimarães

TYPOGRAPHIA LEALDADEDE MANOEL JOSÉ ANTUNES DE CARVALHO
Rua de Jano N.^o 1—1.^o andar.